



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

ANA LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA A PARTIR DAS REVISTAS
NACIONAIS DE TERAPIA OCUPACIONAL**

LAGARTO/SE – 2025

ANA LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Taís Bracher Annoroso Soares

**A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA A PARTIR DAS REVISTAS
NACIONAIS DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito do título de Bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe.

LAGARTO/SE – 2025

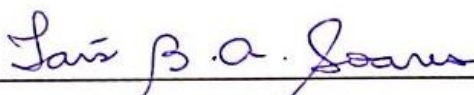
ANA LUIZA RODRIGUES DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA A PARTIR DAS REVISTAS
NACIONAIS DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado como cumprimento das exigências legais da Resolução 36/2011 CONEPE-UFS do currículo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto/SE.

Lagarto/SE, 13 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA



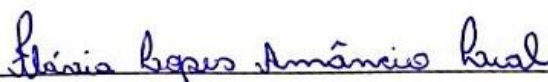
Profª. Dra. Taís Bracher Annoroso Soares.

Orientadora



Me. Déborah Lima Ramos de Melo.

Examinadora Interna



Flávia Lopes Amâncio Leal

Examinadora Externa

RESUMO

Introdução: O brincar permeia a integralidade do ser criança, sendo considerado um elemento diferenciador na infância. Para a terapia ocupacional, o brincar é uma das ocupações que compõem seu domínio, estando assiduamente presente nos variados contextos de atuação pediátrica. **Objetivo:** Descrever os conteúdos acerca do uso do brincar na infância a partir das revistas nacionais específicas da terapia ocupacional. **Método:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, de cunho quanti-qualitativo e caráter descritivo. Para a análise, empregou-se a análise de conteúdo categorial de Bardin. **Resultados e Discussão:** Em três revistas nacionais de terapia ocupacional, foram encontrados 28 artigos elegíveis para este trabalho, após a análise, emergiram quatro categorias de sentido voltadas ao brincar e a terapia ocupacional nos últimos dez anos. **Conclusão:** Notou-se um rico arcabouço teórico sobre o brincar e a terapia ocupacional presente nas revistas mencionadas. Embora os estudos reflitam a diversidade do brincar em contextos ou abordagens distintas, todos validam a sua importância para o desenvolvimento infantil e a complexidade que o envolve, afirmando, desta maneira, a necessidade de estudos contínuos sobre essa temática.

Palavras-chave: Brincar. Criança. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: Playing permeates the integrality of being a child, being considered a differentiating element in childhood. For occupational therapy, playing is one of the occupations that make up its domain, being assiduously present in the various contexts of pediatric practice. **Objective:** To describe the contents about the use of playing in childhood based on specific national occupational therapy journals. **Method:** This is an integrative literature review, of a quantitative-qualitative nature and descriptive character. For the analysis, Bardin's categorical content analysis was used. **Results and Discussion:** In three national occupational therapy journals, 28 articles eligible for this work were found. After the analysis, four categories of meaning focused on playing and occupational therapy emerged in the last ten years. **Conclusion:** A rich theoretical framework on playing and occupational therapy was noted in the mentioned journals. Although the studies reflect the diversity of play in different contexts or approaches, they all validate its importance for child development and the complexity involved, thus affirming the need for continuous studies on this topic.

Keywords: Play. Child. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1- Estratégia Pico para formulação da pergunta norteadora.....	11
Fluxograma 1 – Desenho do Estudo.....	12
Quadro 2 - Apresentação da busca realizada nas revistas nacionais de terapia ocupacional e a seleção para análise.....	13
Tabela 1 - Apresentação dos núcleos de sentido, após a análise dos estudos incluídos.....	14
Gráfico 1 – Categorias/Núcleos de Sentido.....	14
Imagem 01 - Nuvem de palavras sobre os benefícios do brincar.....	17
Imagem 02 - Compilado de informações acerca das definições do brincar pontuados nos artigos analisados.....	18
Imagem 03 - Nuvem de palavras sobre os principais contextos pontuados nos artigos.....	21
Gráfico 2 – Autores mais recorrentes nas referências dos estudos incluídos.....	22

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

AND – Operador Booleano “e”

AOTA - Associação Americana de Terapia Ocupacional

BR – Brasileira

COVID – Corona Vírus Disease

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

PICO – Pessoa ou População, Intervenção ou Exposição, Comparação ou Controle, “Outcomes”

WFOT – World Federation of Occupational Therapists

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVO GERAL	11
3 JUSTIFICATIVA	11
4 METODOLOGIA.....	11
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
5.1 Benefícios do brincar	15
5.2 Definição do brincar	17
5.3 Impactos no brincar.....	19
5.4 Brincar e terapia ocupacional.....	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXO A - Identificação dos artigos selecionados na Revista Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional.	31
ANEXO B - Identificação dos artigos selecionados na Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO).	33
ANEXO C - Identificação dos artigos selecionados na Revista de Terapia Ocupacional Universidade Federal De São Paulo.....	36

1 INTRODUÇÃO

O brincar é a principal área de ocupação vivenciada pela criança, ou ainda, fundamental estratégia de intervenção dos profissionais que atuam no campo infantil. O brincar é fonte oportunizadora de experiências e expressões, afinal, diante de seu intermédio, a criança correlaciona o familiar e o desconhecido (Ferland, 2006, Mitre; Gomes, 2004).

A priori, a Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990 versa sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e aborda os direitos deste público. O ECA define criança como a pessoa que ainda não possui doze anos completos (BRASIL, 1990). E, de antemão, crianças que apresentam comprometimentos em seu desempenho ocupacional necessitam de acompanhamento com o profissional de terapia ocupacional (Souza; Marino, 2013).

Para a World Federation of Occupational Therapists (WFOT) a terapia ocupacional é uma profissão da área da saúde que através de uma intervenção centrada no cliente, busca propagar bem-estar, saúde, qualidade de vida e autonomia no desempenho ocupacional, beneficiando pessoas de todas as faixas etárias, inclusive o público infantil (WFOT, 2012).

O documento “*A Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo*”, da Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) apresenta contribuições que fundamentam a prática deste profissional. O documento é subdividido em duas partes: domínio e processo. O domínio apresenta as competências da terapia ocupacional, enquanto o processo, as ações necessárias para a prestação de serviços. E, dentre a ampla gama de ocupações que compõem o domínio, encontra-se: o brincar (AOTA, 2015).

O terapeuta ocupacional é um profissional habilitado para avaliar, analisar e intervir com crianças através do brincar, afinal, essa ocupação além de estar presente no cotidiano desses indivíduos, permeia a essência do ser criança (Rodrigues; Albuquerque, 2020). A Lei nº 8.069, capítulo II, confere a liberdade, o respeito e a dignidade como direitos de crianças e adolescentes, sendo o brincar reconhecido no Art. 16º como um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento e crescimento desse público (BRASIL, 1990). Uma vez que favorece o bem-estar, saúde, autoconfiança e qualidade de vida (Batista; Lima, 2023), e, por ser considerado um elemento diferenciador da infância, o terapeuta ocupacional pode utilizá-lo como início, meio (recurso terapêutico) ou fim (meta final) no processo de intervenção.

O brincar possibilita a descoberta, o aprendizado e a reinvenção de si, da realidade imposta pelas condições vivenciadas, refletindo uma ação de saúde que ressignifica o processo de intervenção (Angeli; Luvizaro; Galheigo, 2012, Mitre; Gomes, 2004). Alguns

autores explicam que o uso recorrente do brincar nessas intervenções, deve-se ao respeito pela essência da criança, vendo-a como realmente é, e não como a figura minimalista do adulto (Rodrigues; Albuquerque, 2020).

Vygotsky, Winnicott e Piaget são estudiosos do desenvolvimento que promoveram valiosas contribuições voltadas ao processo de aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano, fomentando, com isso, reflexões acerca do brincar na infância. Vygotsky (1991) afirma que o brincar é uma peça fundamental no processo de aprendizagem, onde se desenvolve ou aperfeiçoa habilidades cognitivas, inclusive o pensamento abstrato. Winnicott (1975) associa o brincar à criatividade, um mediador para que o ser humano torna-se criativo, por isso, denomina-o como essencial, espontâneo e de cunho transicional. Piaget (1964) enfatiza que o brincar é fonte vital para o desenvolvimento infantil, no qual por meio da acomodação ou assimilação, a criança aprende, se expressa e interage com o meio.

Nos últimos anos, o interesse por temáticas relacionadas à infância e as formas da criança ser, estar e compreender o ambiente em que vive vem aumentando consideravelmente (Pastore; Barros, 2015). Isso demonstra o quanto à comunidade científica busca analisar o desenvolvimento infantil e tudo aquilo que o perpassa, como o ato do brincar. Sarmiento e Pinto (1997) discorrem que além de observar a criança é necessário atentar-se também ao contexto em que ela se encontra, pois, quando a análise é realizada separadamente, as reflexões podem ser ilusórias.

Historicamente, a literatura aponta alguns autores como nomes importantes de estudos envolvendo brincar e terapia ocupacional (Correia, 2019). Para esses autores, o brincar seria considerado um meio de preparação e cultivo de habilidades necessárias para a vivência competente na fase adulta, bem como algo inato e por isso, fundamental meio para o desenvolvimento infantil (Tima, 2020). Correia (2019) conclui que uma das obras mais valiosas envolvendo esta temática foi publicada em 1974 por Mary Reilly, intitulado em inglês como *“Play as a Exploraty Learning”*.

Hoje, o brincar continua sendo um tema muito recorrente na prática da terapia ocupacional pediátrica, sendo analisado nos variados contextos de atuação. Por isso, mesmo diante das modificações e avanços tecnológicos promovidos pela sociedade ao longo do tempo, o brincar ainda é considerado ato intergeracional, gratificante, essencial, expressivo e, portanto, vivência imprescindível do cotidiano da criança (Silva; Pontes, 2013; Queiroz *et al*, 2023).

2 OBJETIVO GERAL

- Descrever os principais conteúdos abordados acerca do uso do brincar na infância a partir de revistas nacionais específicas da terapia ocupacional.

3 JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática surgiu a partir de inquietações da pesquisadora sobre o arcabouço teórico-científico do brincar, terapia ocupacional e desenvolvimento infantil. Buscando, desta forma, incentivar não apenas a academia, mas também os profissionais que estão diariamente atuando na prática clínica a relatarem suas experiências e percepções acerca desta tríade, favorecendo a amplitude de estudos que abarque as diferentes vertentes e abordagens utilizadas em seu cotidiano. E, desta forma, contribuir para a prática clínica da terapia ocupacional baseada em evidências.

4 METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão integrativa de literatura, descritiva e de abordagem quanti-qualitativa. Este método de pesquisa fornece a síntese de estudos publicados anteriormente, possibilitando novos conhecimentos e avanços para a prática clínica e a sociedade como um todo (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A pesquisa teve como base as fases instituídas por Souza, Silva e Carvalho (2010), com a seguinte pergunta norteadora: “O que a terapia ocupacional publica sobre o brincar na infância?” formulada a partir da estratégia PICO (Quadro 1), onde P é voltado ao paciente ou a população que será estudada, I o processo de intervenção ou exposição, C controle ou comparação e por fim, a letra O sobre o desfecho, do inglês “Outcomes” (Santos; Pimenta; Nobre, 2007).

Quadro 1. Estratégia Pico para formulação da pergunta norteadora.

População	Crianças
Intervenção ou exposição	Assuntos relacionados ao tema
Controle ou comparação	Ausência e presença de assuntos relacionados ao tema
Outcome (desfecho)	Aprendizagem e produção de conteúdo

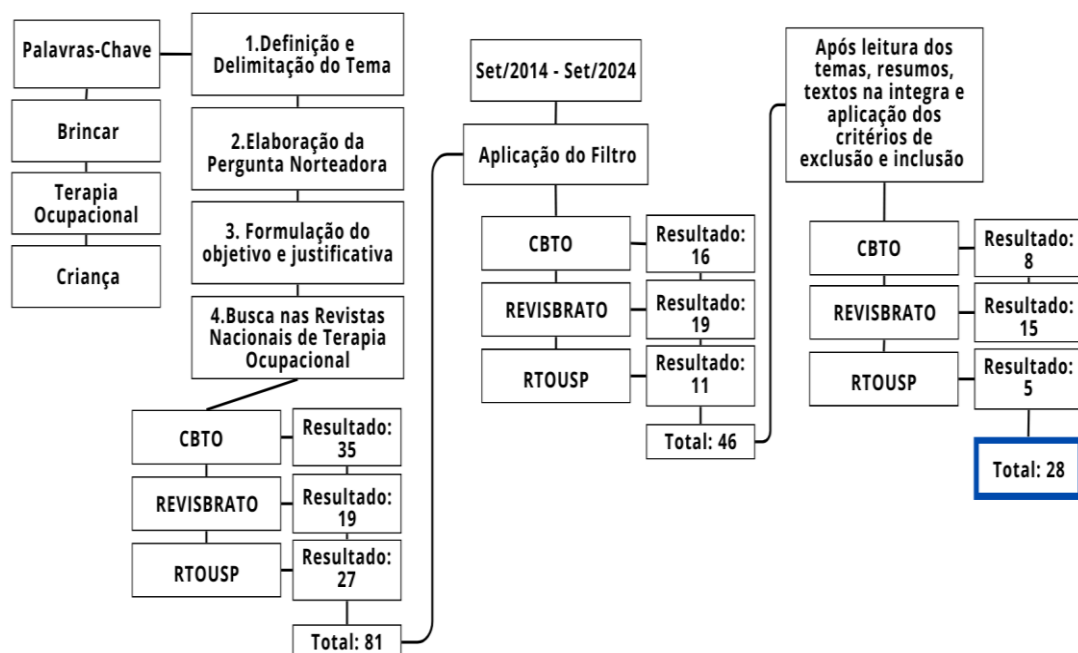
Fonte: Autoria própria (2024).

Para o levantamento de dados foram estabelecidos como critérios de inclusão às publicações que apresentaram o brincar na infância, em idioma português (BR), disponíveis em formato completo e gratuito nas seguintes revistas: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional e Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, com recorte temporal de setembro de 2014 a setembro de 2024. Os descritores utilizados foram “brincar” e “criança”, enquanto para as combinações foi aplicado o operador booleano “AND”. Em contrapartida, foram excluídos os artigos que não envolviam a temática pesquisada, artigos pagos e em língua estrangeira, duplicatas e editoriais. A restrita escolha pelas publicações em idioma português é uma estratégia metodológica utilizada visando o recorte específico da população brasileira.

A coleta de dados (terceira fase) foi realizada nas revistas mencionadas, seguindo os critérios de exclusão e inclusão previamente ditos. Não foi utilizado nenhum instrumento padronizado, todavia, realizou a leitura exaustiva dos temas, seguido pela leitura do resumo, introdução e bibliografia completa, por fim, foram elaborados fichamentos sobre o conteúdo.

A análise crítica dos estudos incluídos (quarta fase) referiu-se à análise categorial na perspectiva da Laurence Bardin. A autora apresenta em seu livro denominado “*Análise de Conteúdo*”, um método que tem como objetivo analisar, descrever e sistematizar o conteúdo estudado, criando específicos agrupamentos (categorias) de sentido (Bardin, 1977). Em seguida, os resultados e discussão serão apresentados detalhadamente ao decorrer deste trabalho. O Fluxograma 1 descreve a síntese das etapas deste estudo.

Fluxograma 1 – Desenho do Estudo.



Fonte: Autoria Própria (2024).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca foi realizada em três revistas nacionais de terapia ocupacional: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional; Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO) e Revista de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo. Na primeira foram encontrados 35 artigos; após uso dos filtros (Fluxograma 1) restaram 16, mas com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, leituras dos temas, resumos e textos completos, apenas 8 artigos foram selecionados.

Em seguida, a busca na segunda revista, resultou em 19 artigos sem o mecanismo de filtragem, onde o mesmo número permaneceu após a sua aplicação, desse modo, 15 foram considerados elegíveis para este estudo. Por fim, a busca na terceira revista apresentou 27 artigos, seguido por 11 e restando apenas 5 após a aplicação dos critérios e leitura exaustiva.

Desta forma, concluiu-se que de um total de 81 artigos apenas 28 foram considerados elegíveis e incluídos na análise. A seguir, o Quadro 2 apresenta o compilado dessas informações.

Quadro 2. Apresentação da busca realizada nas revistas nacionais de terapia ocupacional e a seleção para análise.

REVISTA NACIONAL DE TERAPIA OCUPACIONAL	BUSCA SEM FILTRAGEM	BUSCA COM FILTRAGEM	SELECIONADOS	INCLÚIDOS (TOTAL)
1. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	35 artigos	16 artigos	8 artigos	28 artigos
2. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO)	19 artigos	19 artigos	15 artigos	
3. Revista de Terapia Ocupacional Universidade Federal de São Paulo	27 artigos	11 artigos	5 artigos	

Fonte: Autoria própria (2024)

De antemão, as características dos artigos elegíveis e selecionados em cada revista nacional de terapia ocupacional, foram apresentados através de quadros demonstrativos (ANEXO A, B e C), com o respectivo tema, ano de publicação, autores, objetivo da pesquisa e as categorias encontradas. Sendo esta última expostas na Tabela 1, por ordem decrescente.

Tabela 1. Apresentação dos núcleos de sentido, após a análise dos estudos incluídos.

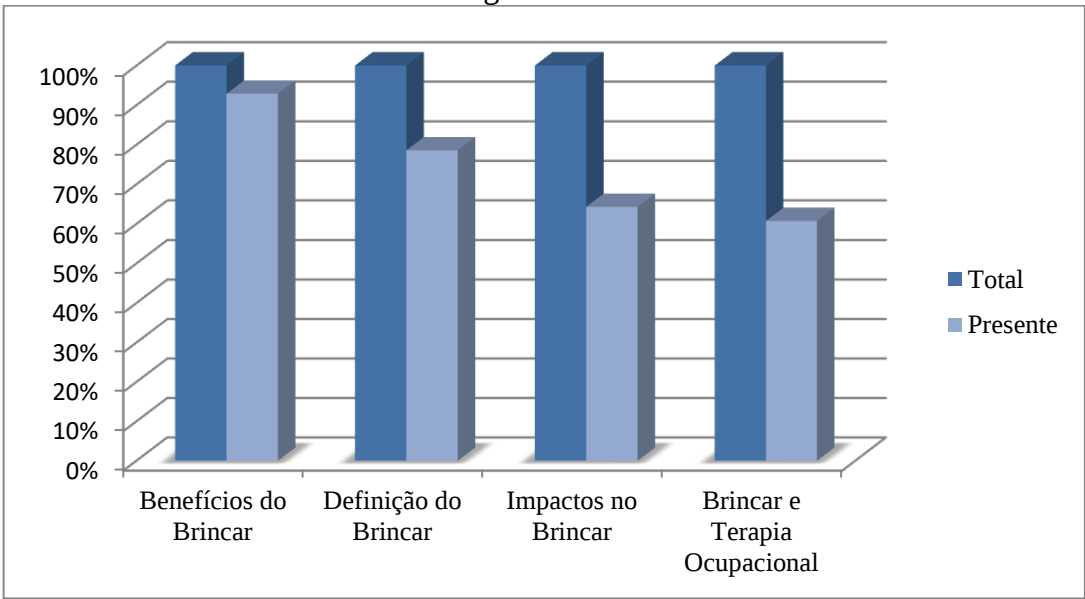
CATEGORIAS	ENUMERAÇÃO
Benefícios do brincar	(26)
Definição do brincar	(22)
Impactos no brincar	(18)
Brincar e terapia ocupacional	(17)
Avaliações do brincar	(10)
O brincar a partir das perspectivas dos pais	(8)
Modelo Lúdico	(6)
Definição de brincadeira	(3)
Direito de brincar	(3)
A cultura do brincar	(3)
Percepção da criança sobre o brincar	(3)
Brincar e tecnologia	(2)
A sociedade capitalista e o brincar	(1)
O brincar na zona rural	(1)

Fonte: Autoria própria (2024).

Na análise dos artigos incluídos, mediante aplicação do critério de exaustividade da Análise de Conteúdo Categorial de Bardin, foram identificadas quatro categorias (núcleos) de sentido, que possibilitaram compreender quais são os principais conteúdos publicados pela terapia ocupacional sobre o brincar na infância durante a última década.

Dessa forma, o núcleo de sentido “Benefícios do Brincar” esteve presente em 26 dos 28 artigos analisados, com um percentual total de 92,85%, seguido por “Definição do Brincar” totalizando 78,57%; “Impactos no brincar” representando 64,28% e “Brincar e Terapia Ocupacional” com 60,71% (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Categorias/Núcleos de Sentido.



Fonte: Autoria Própria (2024).

Logo, nota-se, que nos últimos dez anos, os terapeutas ocupacionais buscaram aprofundar os estudos sobre a compreensão do brincar em si, atestando seus benefícios para o desenvolvimento infantil em diferentes contextos e perspectivas, além de analisar os impactos que a ausência do brincar acarreta no cotidiano das crianças, seja pelas limitações dos fatores pessoais ou ambientais, e por fim, a relação intrínseca entre brincar e a profissão da terapia ocupacional. Vale ainda mencionar que os termos “total” e “presente” pontuados na legenda, referem-se, respectivamente, ao número total dos artigos selecionados/analísados durante esta pesquisa e o quantitativo de artigos que representam a categoria elencada.

A seguir os resultados deste estudo foram apresentados e discutidos conforme o seguinte sequenciamento: Benefícios do brincar, Definição do brincar, Impactos no brincar e Brincar e terapia ocupacional.

5.1 Benefícios do brincar

De acordo com Rodrigues *et al.* (2024) o brincar favorece habilidades motoras, processuais, afetivas e de interação social, sendo primordialmente, por intermédio dele, que a criança desenvolve a imaginação, criatividade, aprendizagem e compreende o mundo do qual faz parte. Nesse sentido, a pesquisa conduzida por Leôncio *et al.* (2022) buscou “compreender a perspectiva da criança e do adolescente sobre o brincar no período de hospitalização em uma enfermaria pediátrica”, e os resultados apontaram que é fundamental a disponibilidade de espaços para o brincar, visando promover o prazer, a distração e a diminuição das tensões provenientes do processo de internação hospitalar.

Rodrigues e Albuquerque (2020) salientaram que o brincar oportunizou a reaproximação da vivência cotidiana de uma criança em internação prolongada, e em consequência disso, o estudo confirma o potencial terapêutico do brincar nesse contexto. Para Silva *et al.* (2019) durante o isolamento hospitalar, o brincar auxilia as crianças a lidarem com situações que podem ser assustadoras, promovendo um apoio, diante do que, até então, é desconhecido. Vieira e Cazeiro (2017) corroboram com isso, quando apontam que um ambiente mais colorido e lúdico promove uma melhor aceitação e adaptação da criança no contexto hospitalar. As autoras ainda pontuam que há um amplo referencial teórico que ressalta a importância e os benefícios do brincar durante o processo de hospitalização infantil.

Na mesma medida, Bontempo e Lobato (2022) em seu estudo sobre “*Luto infantil: Contribuições da terapia ocupacional*” observaram que por meio do brincar significativo, uma criança em processo de luto retomou o engajamento em seu principal papel ocupacional:

brincante. Além disso, voltou a explorar, expressar-se e demonstrar seus interesses e percepções ao longo dos atendimentos. Em outras palavras, utilizou-se o brincar enquanto recurso para atingir o seguinte objetivo de intervenção terapêutica: o engajamento na ocupação brincar.

O estudo de Campos *et al.* (2017) com uma criança de quatro anos de idade e quadro clínico de hidrocefalia, meningite e traumatismo crânio-encefálico, também ratifica o efeito positivo do uso do brincar. Por seu intermédio, foi estimulado e aperfeiçoado habilidades como esquema corporal, orientação espacial e temporal, assimilando-se ao estudo de Fernandes, Santos e Morato (2018) com uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que alcançou ganhos progressivos (evoluções) em habilidades como interação, atenção, troca, brincar funcional e compartilhado.

Por sua vez, na perspectiva dos pais, o brincar também contribui para as evoluções no desenvolvimento das crianças com deficiência (Souza; Figueiredo; Silva, 2017). No entanto, Della Barba, Silva e Sant'ana (2017) concluem que a importância do “brincar como fim em si mesmo” ainda não é amplamente reconhecida por parte dos cuidadores, corroborando-se, à Jurdi e Silva (2021) ao destacarem que os profissionais devem proporcionar orientações aos familiares sobre os benefícios do brincar (ocupação), contribuindo para uma maior interação, participação e estimulação no processo de intervenção terapêutica ocupacional.

Em resposta, Rodrigues e Mieto (2022) pontuam que alguns familiares não compreendem a importância do brincar, devido a ausência de oportunidades quando criança e da motivação de normas disciplinadoras do meio social. Todavia, muitos profissionais explicam que o brincar é um promotor de saúde e potencializador da oferta de cuidado, inclusive assegurando que seu uso é fundamental nos Centros de Atenção Psicossociais Infantojuvenis (CAPSij).

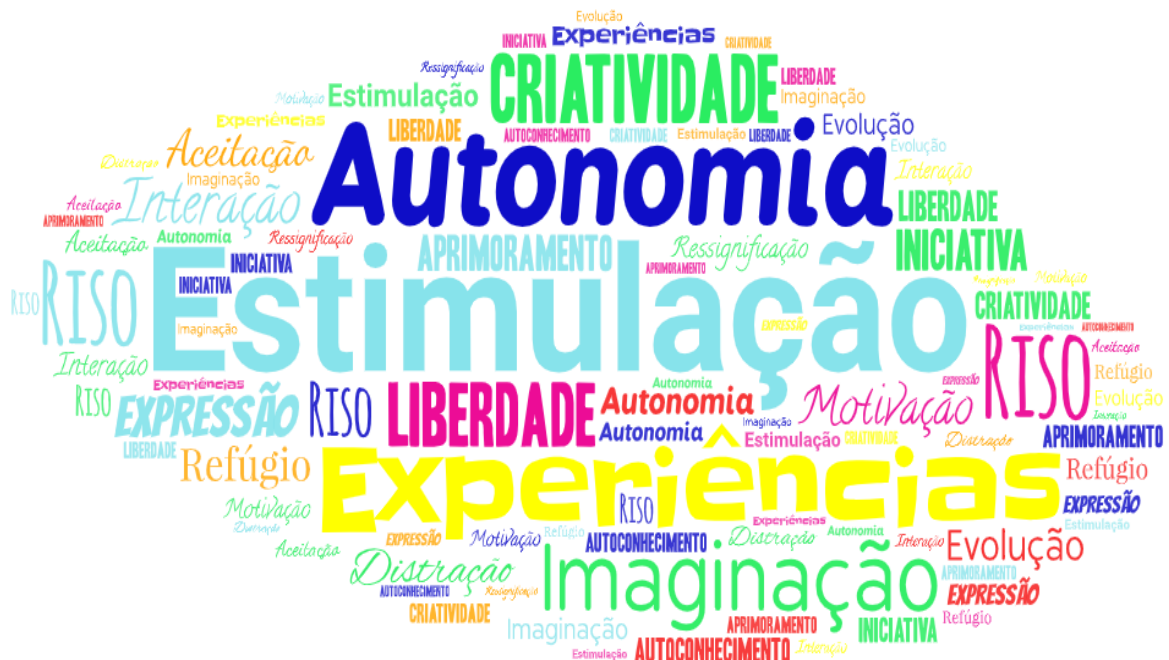
Em síntese, após a análise dos resultados, é perceptível que o brincar a partir da perspectiva dos pais é um tema presente nas publicações nacionais de terapia ocupacional, embora não esteja entre as categorias mais recorrentes (Tabela 1), nota-se que os profissionais também estão preocupados em compreender o brincar para além da percepção da criança, sendo isso, por exemplo, reafirmado em estudos como os de Souza, Figueiredo, Silva (2017) e Rodrigues, *et al.* (2024).

Em contrapartida, hoje, o brincar também está atrelado à tecnologia. Sendo assim, quando usados com cautela e sob supervisão, os jogos interativos podem estimular habilidades e aprimorar saberes, tornando-se grandes aliados do processo terapêutico ocupacional (Pelosi; Teixeira; Nascimento, 2019). Contudo, também é válido frisar sobre o

uso inadequado e excessivo da tecnologia, que acarreta fortes prejuízos para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental das crianças (Barreto *et al.*, 2023). Portanto, a análise da atividade e do recurso, bem como as orientações familiares são peças cruciais para um adequado e eficaz tratamento terapêutico ocupacional.

Ademais, para Batista e Lima (2023) quando a criança brinca, ela também fomenta indagações e mudanças, sendo assim, além de ressaltar os benefícios proporcionados pelo ato de brincar (Imagem 01), discutiremos a seguir, o que os autores pontuam sobre a sua definição.

Imagem 01. Nuvem de palavras sobre os benefícios do brincar.



Fonte: Autoria Própria (2025).

5.2 Definição do brincar

A grande maioria dos artigos incluídos nesse trabalho apresentaram diferenças e similaridades quanto às definições do brincar. Alguns autores conceituaram o brincar como um meio, outros, fim, sob a ótica da ocupação humana e objetivo terapêutico ocupacional, e ainda, há os que relataram as duas vertentes (Imagem 02).

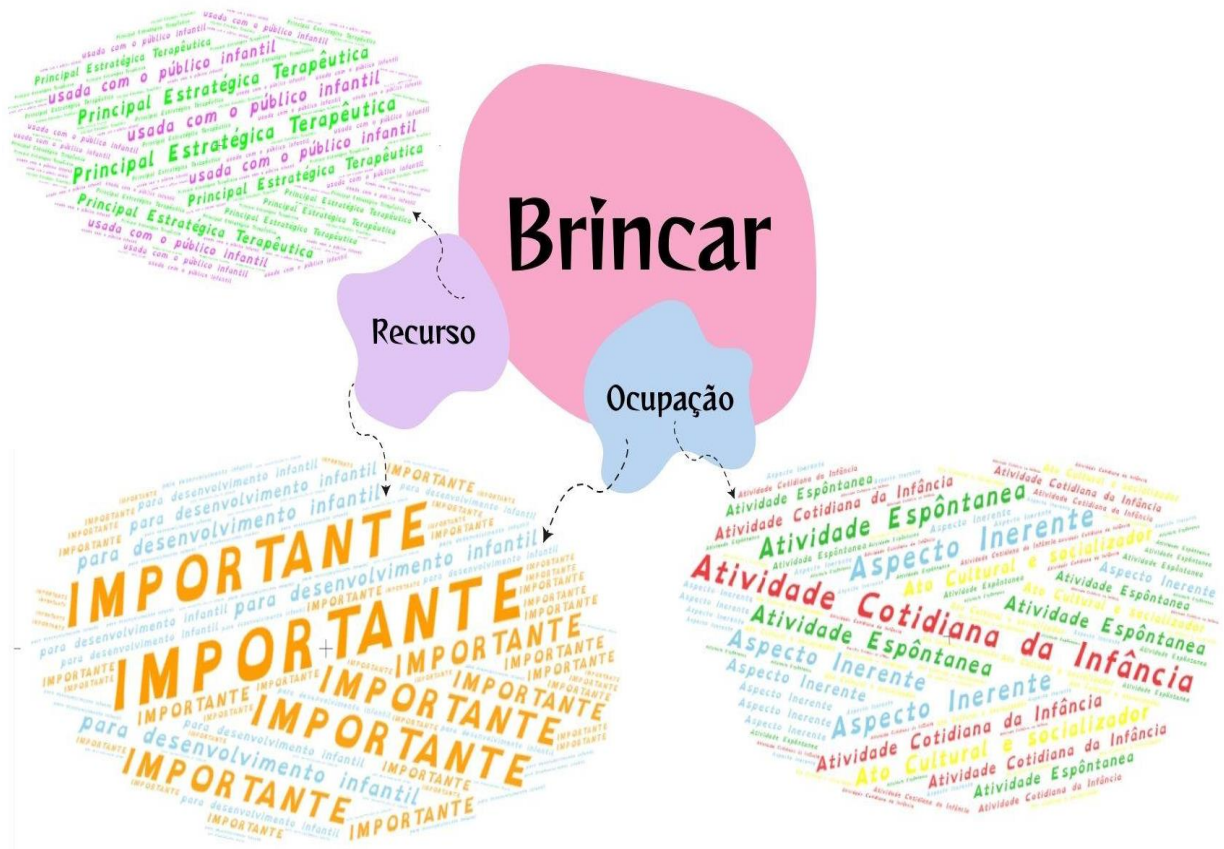
Silva *et al.* (2020), por exemplo, salientaram que o brincar é a principal ocupação da criança e por isso, objeto de intervenção terapêutica na infância. Também é considerada uma

atividade fundamental para o desenvolvimento infantil; influenciado pela época, cultura e contexto em que se vive (Queiroz *et al.*, 2023; Silva; Pelosi, 2018).

Pelosi, Teixeira e Nascimento (2019) em seu estudo sobre “*O uso de jogos interativos por crianças com Síndrome de Down*”, apontaram o brincar como um recurso essencial para a intervenção com crianças, enquanto Rodrigues *et al.* (2024) conceitaram como ocupação livre e espontânea; fio condutor por onde a criança se relaciona com o mundo e com o outro (Figueredo; Souza; Silva, 2016), por isso, vê-se a importância de incentivar a prática do brincar e o aprofundamento de estudos que abordem a complexidade dessa ação.

Fernandes, Santos e Morato (2018) relacionou o brincar a partir das duas vertentes: recurso terapêutico estratégico e objetivo final do processo de intervenção, ponte socializadora. Para Ferland (2006) o brincar é um meio subjetivo e natural de descobertas e aprendizagem, onde a criança compreende, associa e domina a realidade. Já para Polleto (2005) é agente de proteção para a fase infantil, ou sob a perspectiva de Pastore e Barros (2015): ato cultural.

Imagem 02. Compilado de informações acerca das definições do brincar pontuados nos artigos analisados.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Portanto, o brincar pode ser definido como recurso terapêutico ou ocupação, mas a símile fundamental é a sua característica de eixo ressignificador de experiências, vivência valiosa e fundamental para o desenvolvimento infantil (Sossela; Sarger, 2017; Silva; Pontes, 2013).

5.3 Impactos no brincar

Por meio da análise de dados, foi possível compreender que o terapeuta ocupacional também se preocupa em analisar os impactos no brincar e as consequências para o desenvolvimento infantil, sendo abordado em 64,28% dos estudos incluídos, como mostrado no Gráfico 1.

Pensando nisso, desde 1975, o psicanalista Winnicott afirmava que o brincar é inerente ao indivíduo, todavia, devido aos impactos provenientes de fatores pessoais e ambientais, muitas pessoas não conseguem realizar um efetivo engajamento no brincar (Winnicott, 1975). Por sua vez, Vectore (2003) narra que com o ilimitado acesso às tecnologias e com a correria do dia a dia nas cidades, os espaços de brincadeiras são afetados. Nesse ínterim, diferente da zona urbana, a rural oportunizaria um ambiente mais tranquilo e amplo, contudo, para Kothe e Kirchner (2015), atualmente, os pais sentem-se inseguros em promover o brincar livre, devido à insegurança, falta de tempo, impaciência e sobrecarga (Queiroz *et al.*, 2023).

Além disso, pais de crianças com cardiopatia relataram que no momento do brincar, eles se preocupam com os esforços excessivos e as constantes crises de saúde dos filhos. As crianças, por sua vez, também percebem como as condições decorrentes do quadro clínico afetam a sua participação no brincar, o mesmo acontece com crianças com deficiência física, visto que o comprometimento motor e a tendência ao isolamento impactam no desempenho ocupacional do brincante (Rodrigues *et al.*, 2024; Souza; Figueiredo; Silva, 2017).

Outro ponto recorrente foi como o processo de hospitalização afeta a rotina de inúmeras crianças, aliás, Silva *et al.* (2019) atestam que com o isolamento pediátrico, este público é privado intensamente de vivências significativas da infância, como o brincar. O isolamento afasta a criança do mundo externo, prejudicando a sociabilidade e fragilizando o bem-estar e a liberdade provenientes do ato de brincar. Ademais, Monteiro *et al.* (2019) em seu estudo sobre “*O Cotidiano de Crianças com Insuficiência Renal Crônica em Terapia Renal Substitutiva*” também aponta que devido ao quadro clínico e as condições de tratamento necessárias, as crianças enfrentam algumas restrições no brincar. Uma participante

do estudo mencionou que o uso de alguns dispositivos, como o cateter, debilita a sua autonomia na escolha do brincar.

Diante da Pandemia da COVID-19, os terapeutas ocupacionais precisaram modificar a prestação de serviços com todos os públicos, inclusive com as crianças no ambiente hospitalar. Durante a análise, muitos foram os impactos encontrados: uso de medidas protetivas, ausência de atividades em grupos e brinquedotecas fechadas debilitando, mais uma vez, o papel ocupacional do brincante (Lêoncio *et al.*, 2022). Até porque quando impedida de frequentar a brinquedoteca, por exemplo, a criança reforça sentimentos e emoções como angústia, raiva e tristeza (Silva; 2019).

Todavia, os estudos apontam que o brincar é inerente à criança e por isso, independente do contexto, sendo assim, mesmo diante de limitações impostas pelas condições vivenciadas, ele pode ser modificado ou adaptado pela imaginação e criatividade, fornecendo um olhar para além do espaço físico (Silva *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2019).

5.4 Brincar e terapia ocupacional

As ocupações são o objeto da profissão de terapia ocupacional. Pensando nisso, tudo que afeta a funcionalidade do fazer no cotidiano do ser humano, o terapeuta ocupacional é o profissional apto e habilitado para analisar, avaliar e intervir (AOTA, 2015). Sua atuação acontece em diversos contextos e com pessoas de todas as faixas etárias, inclusive as crianças. Pensando nisso, por meio das publicações analisadas percebe-se que as contribuições e reflexões da terapia ocupacional sobre a experiência do brincar na infância ocorreram nos contextos: Hospitalar; Cotidiano; Social; Saúde Mental e Educação (Imagem 03), promovendo assim, um amplo e diversificado referencial teórico.

Imagem 03. Nuvem de palavras sobre os principais contextos pontuados nos artigos.

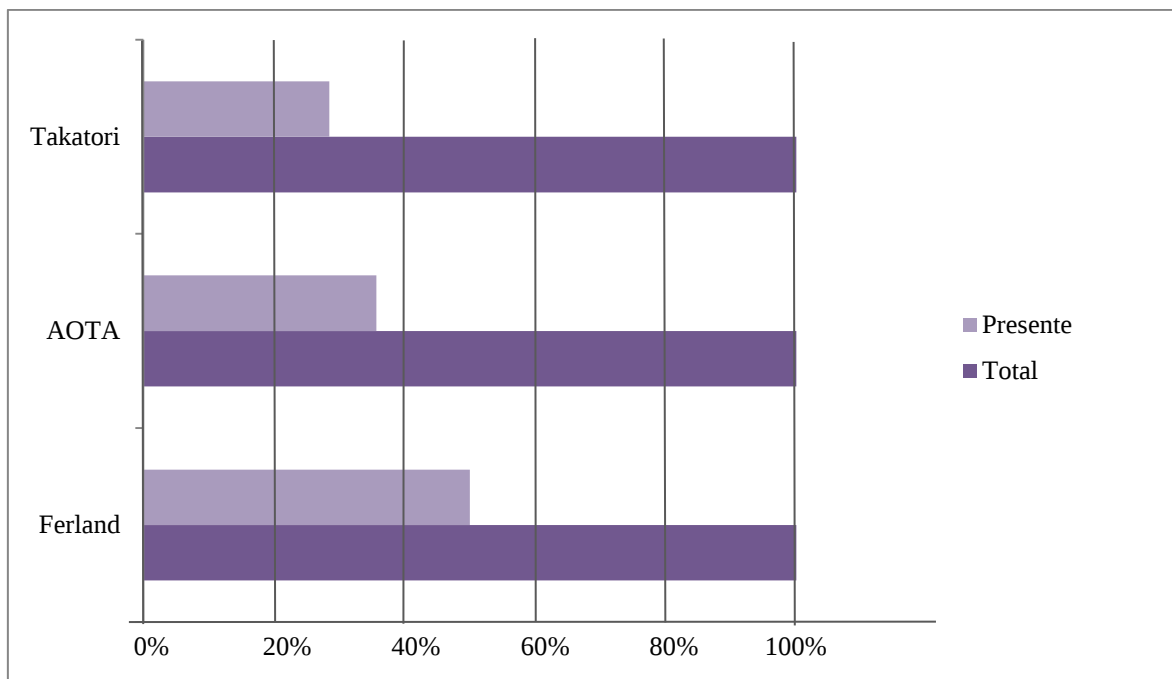


Fonte: Autoria Própria (2025).

Além disso, durante a análise foi possível averiguar que os referenciais mais utilizados na fundamentação pelos autores foram: Ferland; AOTA e Takatori (Gráfico 2). Francine Ferland é uma terapeuta ocupacional canadense, que devido à incidência de estudos sobre o desenvolvimento infantil e o brincar, teve seu sobrenome mencionado por 50% dos artigos incluídos nessa análise, principalmente a obra *“O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional”* do ano de 2006 (Ferland, 2006).

Em uma breve explicação, este modelo, publicado pela primeira em 1994 tem como objetivo compreender como as crianças manifestam seus interesses e capacidades por meio do brincar, favorecendo e estimulando o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, sensorial e/ou social (Sant’anna; Assis; Magalhães, 2015), sendo muito utilizado durante o processo terapêutico ocupacional com o público infantil. Contudo, é válido destacar que os autores não utilizaram esta obra para fundamentar o uso do modelo lúdico em si, mas, principalmente para definições e inquietações sobre o brincar, justificando-se, com isso, o porquê do agrupamento “modelo lúdico” (Tabela 1) aparecer apenas na sétima posição, obtendo um percentual total de 21,42%.

Gráfico 2 – Autores mais recorrentes nas referências dos estudos incluídos.



Fonte: Autoria própria (2025).

Na sequência, outro referencial teórico muito utilizado é o da Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA): “*Estrutura da Prática de Terapia Ocupacional: Domínio & Processo*” 3ª edição de 2015 e 4ª edição, em inglês, publicada no ano de 2020. Este documento apresenta fundamentos para a prática do terapeuta ocupacional, subdividindo-se em duas partes: Domínio e Processo. Os aspectos do domínio são: Ocupações (Atividades de Vida Diária, Atividades Instrumentais de Vida Diária, educação, trabalho, brincar lazer, participação social, descanso e sono); fatores do cliente (valores, crenças e espiritualidade, funções do corpo e estruturas do corpo); habilidades de desempenho (motoras, de processo e de interação social); padrões de desempenho (hábitos, rotinas, papéis e rituais) e contextos e ambiente (cultural, pessoal, físico, social, virtual e temporal). Já o processo é formado pela avaliação (perfil ocupacional e análise do desempenho ocupacional); intervenção (plano, implementação e revisão) e resultados alvo (AOTA, 2015).

Nesse íterim, é perceptível que a AOTA foi utilizada por muitos autores para fundamentar conceituações sobre ocupação; terapia ocupacional; domínio e processo; além da relação entre os aspectos do domínio para promoção do engajamento na ocupação brincar, alegando o percentual de 35,7% das referências analisadas (Gráfico 2).

Por sua vez, Marisa Takatori também foi um nome recorrente. Terapeuta ocupacional brasileira, com doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo no ano de 2010. Suas obras refletem o brincar, terapia ocupacional e população infantil, estando presente em

28,5% das referências analisadas (Gráfico 2). A exemplo, sua tese de Doutorado é um convite para o brincar: *“Vamos brincar? Do ingresso da criança com deficiência física na terapia ocupacional à facilitação da participação social”* (Takatori, 2010), sendo utilizada para fundamentar a introdução do artigo de Rodrigues e Mieto em 2022, enquanto, outras obras da autora validaram estudos como os de Fonsêca e Silva (2015); Figueredo, Souza e Silva (2016); Souza, Figueredo e Silva (2017); Della Barba, Silva e Sant’anna (2017); Vieira e Cazeiro (2017); Silva e Pelosi (2018); e Silva *et al.* (2020).

Em suma, a pesquisa de Fonsêca e Silva (2015) apontou que muitos profissionais fundamentam suas práticas sobre o brincar em teóricos da psicologia, pois foram os mais vistos durante a graduação, todavia, esta análise demonstra que as publicações das revistas nacionais de terapia ocupacional apesar de utilizarem outras fontes, também se baseiam em teóricos da área, justamente porque esta é a única profissão que além de usar o brincar como meio para alcançar objetivos, analisa-o e intervém como fim em si mesmo, a ocupação.

Afinal, sendo o terapeuta ocupacional um “profissional habilitado e treinado para olhar as rupturas do cotidiano e trazer luz sobre as novas formas de cuidar, desenvolver adaptações, seja no serviço ou na esfera individual de cada paciente” (Silva *et al.*, 2020), é fundamental que o uso do brincar continue sendo pauta contínua de estudos científicos específicos da área, estimulando a produção de conteúdo e auxiliando a prática clínica do terapeuta ocupacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos, notou-se que a terapia ocupacional possui um amplo referencial sobre a experiência do brincar na infância, justificados, também, a partir de obras específicas. Assim, apesar das limitações deste estudo, devido ao seu desenho e delineamento (a escolha por três revistas nacionais específicas da área), foi possível responder o objetivo traçado: descrever os principais conteúdos abordados acerca do uso do brincar na infância a partir de revistas nacionais específicas da terapia ocupacional.

Por meio dessa revisão, observou-se que os principais assuntos publicados na última década sobre o brincar e a terapia ocupacional foram voltados às definições, benefícios, impactos e análise da relação intrínseca que há entre ambos. Desta forma, é perceptível que apesar das reflexões sobre os impactos no brincar no cotidiano da criança, provenientes dos fatores internos ou externos, os autores são unânimes em defender os benefícios do brincar nos variados contextos de atuação, sendo três os principais referenciais apresentados nas fontes dos artigos analisados: Ferland, AOTA e Takatori.

Além disso, mediante a aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, percebe-se uma maior abrangência de estudos envolvendo a análise do brincar no contexto hospitalar quando comparado, por exemplo, ao contexto escolar e de saúde mental, revelando o principal contexto de publicação da terapia ocupacional voltado a esta temática nos últimos anos.

Portanto, embora não exista uma definição unificada do brincar, todos os artigos apontam a sua importância para o desenvolvimento infantil, validando, com isso, a necessidade de estudos contínuos sobre este assunto, visando mais avanços para a prática clínica da terapia ocupacional atrelando ciência, ocupação e infância.

Desta forma, espera-se que esta pesquisa contribua para a atuação do terapeuta ocupacional com o público infantil, fomentando reflexões e indagações acerca do uso do brincar enquanto recurso terapêutico e sobre a importância do papel ocupacional de brincante da criança.

REFERÊNCIAS

- ALMOHALHA, L; CESÁRIO, B. Estratégias e recursos empregados por terapeutas ocupacionais na estimulação precoce. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v. 7 n. 4, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/55259>. Acesso em: 13 de janeiro de 2025.
- ANGELI, AAC; LUVIZARO, NA; GALHEIGO, SA. O cotidiano, o lúdico e as redes relacionais: a artesanaria do cuidar em terapia ocupacional no hospital. **Interface Comunicação, Educação e Saúde**. V.16, n.40, p.261-71, jan./mar. 2012. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.
- AOTA, AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/issue/view/7332/287>. Acesso em: 06 de setembro de 2024.
- BARDIN, L. **Análise do Conteúdo**. Lisboa Edições, p. 95-136, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 29 de julho de 2024.
- BARRETO; MJ *et al.* Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil. **Revista Saúde UNIFAN**, v.3, n.1, p. 58-66, 2023. Disponível em: <https://saudeunifan.com.br/wp-content/uploads/2023/04/OS-IMPACTOS-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>. Acesso em: 21 de março de 2025.
- BATISTA, MFS; LIMA, EMFA. O brincar e a cultura popular: reflexões para a Terapia Ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 33, p. 1-3, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/216864>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.
- BONTEMPO, KS; LOBATO, BC. Luto infantil: Contribuições da terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v. 6, n. 3, p. 1224-1230, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/41623>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.
- BRASIL. **Diário Oficial da União**. O estatuto da criança e do adolescente, Lei nº 8.069 de 13/06/90. Brasília: Autor. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 03 de setembro de 2024.
- CAMPOS, SDF *et al.* O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 275-285, 2017. Disponível em: <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/996/843>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.
- CORREIA, BFM. O brincar, as famílias de crianças com deficiência física ou múltipla e a Terapia Ocupacional. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Terapia Ocupacional). Instituto de Saúde e Sociedade (ISS), **Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)**,

Santos, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/51745>. Acesso em: 03 de janeiro de 2024.

DELLA BARBA, PCS; SILVA, AFR; SANT´ANA, MMM. A percepção do cuidador sobre o brincar da criança com paralisia cerebral no contexto da terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v. 1, n.1, p. 28-39, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4642>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

FERLAND, F. O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional. 3ed. São Paulo: Roca, 2006.

FERNANDES, ADSA; SANTOS, JF; MORATO, GG. A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. 187–194, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/141694>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

FIGUEIREDO, BA; SOUZA, DS; SILVA, ACD. O brincar de crianças com deficiência física: contribuição da terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 27, n. 1, p. 29–35, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/97790>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

FONSÊCA, MED; DA SILVA, ACD. Concepções e uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 23, n. 3, p. 589–597, 2015. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1053>. Acesso em: 12 de janeiro de 2025.

JOAQUIM, RHVT; SILVA, FR; LOURENÇO, GF. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 1, p. 63-71, 2018. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1957/944>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

JOÃO, NS *et al.* Escala Lúdica Pré-Escolar de Knox: uma revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, p. e3212, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3212>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

JURDI, APS; SILVA, CCB. O Brincar no Cotidiano Familiar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.4, n.5, p. 549-562, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/39761>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

KOTHE, S; KIRCHNER, EA. As peculiaridades no contexto rural e urbano. In: **Seminário Institucional Interdisciplinar**. Itapiranga, SC. FAI – Faculdades de Itapiranga. 2015. Disponível em: edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES26.pdf. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

LEÔNCIO, JSM *et al.* A Perspectiva de Crianças e Adolescentes sobre Brincar durante a Hospitalização. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de**

Janeiro, v. 6, n. 4, p. 1295-1307, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/53666>. Acesso em: 04 de janeiro de 2025.

LUCISANO, RV; PFEIFER, LI; STAGNITTI, K. O uso da Avaliação do Brincar de Faz de Conta Iniciado pela Criança – ChIPPA: uma revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v.30, p. e3260, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3260>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

MITRE, RM.; GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.12, n.5, p.1277-84, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GbJSrdnVGFM8g5wybJYxtKP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.

MITRE, RM.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.9, n.1, p.147-154, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CWNCmqSjFFzL4CfgTWQcFnK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 de março de 2025.

MONTEIRO, RCM *et. al.* O cotidiano de crianças com insuficiência renal crônica em terapia renal substitutiva. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.3, n.3, p. 409-422, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/26422>. Acesso em: 12 de janeiro de 2025.

PASTORE, MDN; BARROS, DD. A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 599-609, 2015. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1172>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

PELOSI, MB; TEIXEIRA, PO; NASCIMENTO, JS. O uso de jogos interativos por crianças com síndrome de Down. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 718-733, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/75f4TR9PX6DJfdQPNYXkkLq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

PFEIFER, LI; SANT'ANNA, MMM. O brincar em tempos de pandemia da covid-19: reflexões sob a perspectiva da terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.6, n.1, p. 834-844, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/41994>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. 3ª edição, p. 1-215. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xn10s8s>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

POLETTI, RC. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67-75, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100009>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

QUEIROZ, TF *et al.* O brincar na zona rural: uma comparação entre o ontem e o hoje. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 33,

n. 1-3, p. e216862, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/216862>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

RODRIGUES, AA; ALBUQUERQUE, VA. O Brincar e o cuidar: o olhar do terapeuta ocupacional sobre o comportamento lúdico de crianças em internação prolongada. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v. 4, n.1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/26293>. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

RODRIGUES, ICS *et al.* Impactos da Pandemia da Covid-19 na Participação do Brincar de Crianças com Cardiopatia: Percepção de Mães e Crianças. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.8, n.2, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/59114>. Acesso em: 04 de janeiro de 2025.

RODRIGUES, NA; MIETO, FSR. Construção de um modelo teórico representativo da experiência: terapeutas ocupacionais significando o brincar nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 1-3, p. e204945, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/204945>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

SANT'ANNA, MMM; BLASCOVI-ASSIS, SM; MAGALHÃES, L. Modelo Lúdico: Favorecendo o Brincar da Criança com Deficiência Física. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, SP, v. 16, n. 01, 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/4965>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

SANTOS, CMC; PIMENTA, CAM; NOBRE, MRC. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 15, p. 508-511, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/?lang=pt>. Acesso em: 16 de agosto de 2024

SARMENTO, MJ; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Org.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997. p. 9-30. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79715>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.

SILVA, CCB; PONTES, FV. A utilização do brincar nas práticas de terapeutas ocupacionais da Baixada Santista. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 226-232, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/59943>. Acesso em: 03 de janeiro de 2025.

SILVA, GS; BUFFONE, FRRC. O brincar para a criança com transtorno do espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v. 5, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/36473>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

SILVA, JIP *et al.* Isolamento pediátrico hospitalar: o olhar da criança. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.3, n.4, p. 508-525, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/25356>. Acesso: 06 de janeiro de 2025.

SILVA, LT; RICCIOPPO, MRPL; ALMOHALHA, L. O jogo como estratégia de investigação e reeducação alimentar de crianças com obesidade. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.4, n.1, p.43-59, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/27133>. Acesso em: 27 de janeiro de 2025.

SILVA, MR *et al.* A Terapia Ocupacional pediátrica brasileira diante da pandemia da COVID-19: reformulando a prática profissional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.4, n.3, p. 422-437, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34171>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

SILVA, TSGD; PELOSI, MB. Evolução de uma Criança com Síndrome de Down à luz do Modelo Lúdico: Estudo de Caso. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.2, n.1, p. 50-67, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/11834>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

SOSSELA, CR; SAGER, F. A criança e o brinquedo no contexto hospitalar. **Rev. SBPH**. Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000100003. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

SOUZA, AC; MARINO, MSF. Atuação do Terapeuta Ocupacional com criança com atraso do desenvolvimento neuropsicomotor. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 149-153, 2013. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2013.019>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.

SOUZA, DS; FIGUEIREDO, BA; SILVA, ACD. O brincar de crianças com deficiência física sob a perspectiva dos pais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, UFSCar, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 267-274, 2017. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1467>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

SOUZA, MT; SILVA, MD; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v.8, n.1, p.102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de julho de 2024.

TAKATORI, M. Vamos brincar? Do ingresso da criança com deficiência física na terapia ocupacional à facilitação da participação social [Tese]. **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p. 237, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16042010-161357/pt-br.php>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

TIMA, F. Repertório Ocupacional de Crianças de 4 a 6 Anos com atraso no Desenvolvimento Motor, da Linguagem e na Habilidade Pessoal-Social. Mestrado em Terapia Ocupacional, **Universidade Federal de São Carlos**, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12423>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

VECTORE, C. O brincar e a intervenção mediacional na formação continuada de professores de educação infantil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 105-131, 2003. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000300010>. Acesso em: 04 de janeiro de 2024.

VIEIRA, SR; CAZEIRO, APM. Análise de Jogos e Brincadeiras para o Contexto Hospitalar. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro**, v.1, n. 2, p. 127-148, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4639>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

VYGOTSKY, LS. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/vygotsy-formacao-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

WFOT, WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS. **Sobre Terapia Ocupacional**. 2012. Disponível em: <https://wfot.org/about/about-occupational-therapy>. Acesso em: 27 de setembro de 2024.

WINNICOTT, DW. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4490693/mod_resource/content/0/brincar_e_a_realidade_winnicott.pdf. Acesso em: 04 de janeiro de 2025.

ANEXO A - Identificação dos artigos selecionados na Revista Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional.

CADERNOS BRASILEIROS DE TERAPIA OCUPACIONAL				
TEMA	AUTOR	ANO	OBJETIVO	AGRUPAMENTOS
A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana.	Pastore e Barros	2015	Descrever e discutir as relações e dinâmicas de socialização infantis.	- Definição do brincar; - A cultura do brincar; - Direito de brincar; - Benefícios do brincar.
Concepções e uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais.	Fonseca e Silva	2015	Verificar como os terapeutas ocupacionais que atuam no município de João Pessoa-PB percebem e utilizam o brincar na prática clínica.	- Direito de brincar; - Benefícios do brincar; - Definição do brincar; - Brincar e terapia ocupacional; - Modelo Lúdico. - Abordagens.
Escala Lúdica Pré-Escolar de Knox: uma revisão de escopo	João, NS <i>et al.</i>	2022	Examinar a produção científica nacional e internacional sobre a utilização da ELPKr.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Avaliações do brincar.
O brincar de crianças com deficiência física sob a perspectiva dos pais.	Souza; Figueiredo e Silva.	2017	Investigar a percepção dos pais sobre o brincar no cotidiano de crianças com deficiência física.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Impactos no brincar. - O brincar a partir das perspectivas dos pais.
O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção.	Campos, SDF <i>et al.</i>	2017	Avaliar os resultados de uma intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento do esquema corporal, da orientação espacial e da orientação temporal.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Avaliações do brincar; - Definição de brincadeira.
O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil.	Joaquim; Silva e Lourenço.	2018	Avaliar o uso do brincar para estimulação do desenvolvimento global.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Definição de brincadeira; - Avaliações do brincar.

O uso da Avaliação do Brincar de Faz de Conta Iniciado pela Criança – ChIPPA: uma revisão de escopo.	Lucisano; Pfeifer e Stagnitti.	2022	Realizar uma revisão do escopo sobre a ChIPPA e identificar como tem sido descrita e abordada na literatura nacional e internacional.	• Definição do brincar; • A cultura do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Avaliações do brincar.
O uso de jogos interativos por crianças com síndrome de Down.	Pelosi; Teixeira e Nascimento.	2019	Analisar três plataformas e seis jogos virtuais, descrever a participação de crianças com síndrome de Down no uso de jogos interativos, identificar a plataforma mais acessível e a preferência das crianças.	• Brincar e tecnologia; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Análise da atividade; • Avaliações do brincar.

ANEXO B - Identificação dos artigos selecionados na Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (REVISBRATO).

REVISTA INTERINSTITUCIONAL BRASILEIRA DE TERAPIA OCUPACIONAL (REVISBRATO)				
TEMA	AUTOR	ANO	OBJETIVO	AGRUPAMENTOS
A Perspectiva de Crianças e Adolescentes sobre Brincar durante a Hospitalização.	Leôncio, JSM <i>et al.</i>	2022	Compreender a perspectiva da criança e do adolescente sobre o brincar no período de hospitalização na enfermaria pediátrica.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Impactos no brincar; - Percepção da criança sobre o brincar.
A Terapia Ocupacional Pediátrica Brasileira diante da Pandemia da Covid-19: Reformulando a Prática Profissional.	Silva, MR <i>et al.</i>	2020	Apresentar relatos de experiências da intervenção da Terapia Ocupacional pediátrica em três contextos diferentes.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Impactos no brincar.
Análise de Jogos e Brincadeiras para o Contexto Hospitalar	Vieira e Cazeiro.	2017	Identificar e analisar brincadeiras que possam ser oferecidos à criança no leito hospitalar.	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Impactos no brincar.
O Cotidiano de Crianças com Insuficiência Renal Crônica em Terapia Renal Substitutiva.	Monteiro, RC <i>et al.</i>	2019	Estudar as percepções de crianças com IRC em terapia renal substitutiva sobre seu cotidiano, os impactos no desempenho de suas atividades diárias e o modo como enfrentam as condições impostas por seu tratamento.	Impactos no brincar.
Estratégias e Recursos Empregados por Terapeutas Ocupacionais na Estimulação Precoce.	Almohalha e Cesário.	2023	Investigar quais recursos e estratégias foram utilizadas pelo Terapeuta Ocupacional em estimulação precoce.	- Benefícios do brincar; - Brincar e terapia ocupacional; - Brincar e estimulação precoce.
Evolução de uma Criança com Síndrome de Down À Luz do Modelo Lúdico: Estudo de Caso.	Silva e Pelosi.	2018	Verificar a evolução do comportamento lúdico de uma criança com síndrome de	- Definição do brincar; - Benefícios do brincar; - Brincar e terapia ocupacional; - Modelo Lúdico; - Avaliações do brincar.

			Down, de 2 anos e 5 meses, que recebeu atendimento terapêutico ocupacional em grupo, por 18 meses, e a percepção de sua família sobre o comportamento lúdico.	
Impactos da Pandemia da Covid-19 na Participação do Brincar de Crianças com Cardiopatia: Percepção de Mães e Crianças.	Rodrigues, ICS <i>et al.</i>	2024	Compreender os impactos da pandemia da COVID-19 para a participação da criança com cardiopatia no brincar.	• Definição do brincar; • Benefícios do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Impactos no brincar; • Percepção da criança sobre o brincar; • O brincar a partir das perspectivas dos pais.
Isolamento Hospitalar Pediátrico: O Olhar da Criança*	Silva, JIP <i>et al.</i>	2019	Conhecer a percepção da criança sobre o isolamento hospitalar.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Percepção da criança sobre o brincar.
Luto Infantil: Contribuições da Terapia Ocupacional.	Bontempo e Lobato.	2022	Compreender o impacto do luto no engajamento da criança em ocupações significativas, como o brincar e a educação.	• Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar.
O Brincar e o Cuidar: O Olhar da Terapia Ocupacional Sobre o Comportamento Lúdico de Crianças em Internação Prolongada.	Rodrigues e Albuquerque.	2020	Conhecer o comportamento lúdico de crianças em situação de internação prolongada em um hospital infantil de Fortaleza/CE, verificando ainda a percepção dos cuidadores em relação ao envolvimento dessas crianças em atividades lúdicas.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Modelo Lúdico; • Avaliações do brincar.
O Brincar em Tempos de Pandemia da Covid-19: Reflexões sob a Perspectiva da	Pfeifer e Sant'Anna.	2022	Refletir sobre as ações da terapia ocupacional sustentadas nas ocupações e na construção de	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Impactos no brincar; • Benefícios do brincar; • Avaliações do brincar,

Terapia Ocupacional			vivências lúdicas que garantam o desenvolvimento das habilidades de acordo com as competências reais de cada criança e das necessidades de cada família.	• Modelo lúdico; • O brincar a partir das perspectivas dos pais.
O Brincar no Cotidiano Familiar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Jurdi e Silva.	2021	Investigar como famílias de crianças autistas propiciam o brincar no seu cotidiano e o papel dos parentes nessa atividade.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • O brincar a partir das perspectivas dos pais; • Importância da orientação familiar sobre o brincar.
O Brincar para a Criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Possibilidade de Intervenção da Terapia Ocupacional.	Silva e Buffone.	2021	Investigar as contribuições do brincar como recurso terapêutico para o desenvolvimento da interação social de uma criança com TEA.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Avaliações do brincar.
O Jogo como Estratégia de Investigação e Reeducação Alimentar de Crianças com Obesidade*	Silva; Riccioppo e Almohalha.	2020	Investigar os hábitos e promover a reeducação alimentar de crianças de 7 a 11 anos por meio do brincar através de um jogo de tabuleiro.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Avaliações do brincar; • O brincar a partir das perspectivas dos pais.
Percepção do Cuidador sobre o Brincar da Criança com Paralisia Cerebral no Contexto da Terapia Ocupacional	Della Barba; Silva e Sant'ana.	2017	Identificar a importância do brincar de uma criança com paralisia cerebral para seu desenvolvimento, sob o ponto de vista do cuidador, tanto no cotidiano familiar quanto no contexto da Terapia Ocupacional.	• Definição do brincar; • Brincar e terapia ocupacional; • Benefícios do brincar; • Impactos no brincar; • Modelo Lúdico; • Vínculo terapêutico; • O brincar a partir das perspectivas dos pais.

ANEXO C - Identificação dos artigos selecionados na Revista de Terapia Ocupacional Universidade Federal De São Paulo.

REVISTA DE TERAPIA OCUPACIONAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO				
TEMA	AUTOR	ANO	OBJETIVO	AGRUPAMENTOS
A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano.	Fernandes, Santos e Morato.	2018	Descrever e analisar o processo de intervenção da Terapia Ocupacional com uma criança com diagnóstico de TEA e sua família, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner.	• Benefícios do brincar; • Brincar e terapia ocupacional.
O brincar e a cultura popular: reflexões para a Terapia Ocupacional.	Batista e Lima.	2023	Propor um diálogo entre a cultura popular brasileira e a prática da Terapia Ocupacional, tendo como ponto de partida o brincar.	• Definição do brincar; • A cultura do brincar; • A sociedade capitalista e o brincar; • Benefícios do brincar; • Definição de brincadeira; • Brincar e terapia ocupacional; • Direito de brincar.
O brincar na zona rural: uma comparação entre o ontem e o hoje.	Queiroz, TF <i>et al.</i>	2023	Descrever o brincar da infância de moradoras da zona rural, na perspectiva intergeracional.	• Definição do brincar; • Benefícios do brincar; • O brincar na zona rural; • O brincar a partir das perspectivas dos pais; • Impactos no brincar; • Brincar e tecnologia;
O brincar de crianças com deficiência física: contribuição da terapia ocupacional.	Figueiredo, Souza e Silva.	2016	Investigar as contribuições da Terapia Ocupacional para a promoção do brincar de crianças com deficiência física a partir da perspectiva dos pais.	• Definição do brincar; • O brincar a partir das perspectivas dos pais; • Impactos no brincar; • Benefícios do brincar; • Brincar e terapia ocupacional;
Construção de um modelo teórico representativo da experiência: terapeutas ocupacionais significando o brincar nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis.	Rodrigues e Mieto.	2022	Construir um modelo teórico representativo da experiência dos terapeutas ocupacionais trabalhadores dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPSi) que identifique os significados dados ao brincar na sua prática profissional.	• Brincar e terapia ocupacional; • Definição do brincar; • Impactos no brincar; • Benefícios do brincar.